

Este artigo foi publicado com
atraso de 5 dias

O REI DO TANGO

Uma tarde elle entrou-me por ta a dentro. Percorria o meu bairro, os ensombrados recantos da Urca, como um poeta a beber inspiração naquelles ares que as acacias e os *bougainvilles* tingem na tristeza saudosa dos crepusculos. Sem chapéo. a sua bella cabeça em desalinho recordava o delirante menestrel de outros tempos, nos ditosos tempos em que a arte vivia apaixonada por elle. A sua voz veiu a mim, tímida e sussurrante como uma voz de fonte a descantar mysticas melopéas numa pauta de verduras humidas.

Ernesto Nazareth! Bem se o pôde chamar de Nazareno no calvario da arte brasileira. Abraçou-me com fraterna amizade. Completamente surdo, já nem mesmo escutando o que toca, esse Beethoven caboclo passou commigo toda uma tarde, ao piano, rememorando consas vividas e essa musica adorada em que elle se tornou incomparavel.

Então, das suas mãos, que percutiam o teclado como mão de amante sobre um coração que em vão tenta fugir e esquecer, começaram a sahir novas obras-primas, motivos nunca vistos, rythmos inéditos, que Nazareth sondava e revolvía como avarento em escrínio de joias antigas. A seguir, recordou os seus amados tangos, essas composições inegalaveis que lhe deram nome e lhe teriam dado fortuna, se o grande artista não houvesse nascido no Brasil e não soffresse a timidez estiolante que prejudica um futuro e destroe uma vocação.

Conta-se que o illustre pianista Schelling, de regresso á Europa, levou, por muito os ter admirado, uma collecção dos tangos de Nazareth. Pois sempre que os tocava para os attentos auditorios do Velho Mundo, nunca deixou de ser ovacionado, quando não carregado em triumpho, pelo acceppe de sabor exótico que gentilmente offercia ao publico. Assim foi em Paris, onde eu mesmo em pessoa, pianista neophito, inveterado tocador de ouvido, fiz parar uma orchestra de tziganos com as harmonias brasileiras de Ernesto Nazareth.